



CORPOS LGBTQIA+ NAS ARTES DA CENA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA 'SUI GENERIS' DA CIA FUNDO MUNDO

ALÉXANDER CHRISTOPHER PEREIRA GARCIA¹; ALEXANDRA DIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – alexanderlvforce@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – xandadias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido traz uma análise crítica da obra cênica '*Sui Generis*'¹ da Cia Fundo Mundo, apresentado no Festival de Circo *on-line* 2020 que faz parte do programa #JuntosPelaCultura2020². Em paralelo a isso, trago reflexões acerca dos corpos LGBTQIA+³ nas artes contemporâneas, construídas dentro do Projeto Unificado CoreoLab - Laboratório de Estudos Coreográficos, do qual sou bolsista. O CoreoLab está vinculado ao curso de Dança - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e é coordenado pela Profa. Dra. Alexandra Dias. O projeto está inserido no campo da arte-educação e visa problematizar conceitos da dança contemporânea. Buscando preencher lacunas existentes acerca do entendimento sobre dança contemporânea e suas possibilidades.

Durante o ano de 2021, o CoreoLab terá como base de pesquisa questões emergentes dos corpos LGBTQIA+ nas artes, ampliando as ações propostas como residências artísticas, debates e oficinas para o público, buscando aproximar a comunidade LGBTQIA+ das artes contemporâneas. Neste sentido, este texto tem como foco fazer uma reflexão crítica sobre a ocupação dos corpos Trans Masculinos e não-binário nas artes da cena, a partir da análise de uma das cenas da obra do grupo circense Cia Fundo Mundo formado por pessoas transexuais⁴, travestis⁵ e não-binárias⁶.

A obra circense '*Sui Generis*' aborda a temática do universo da transgeneridade, de forma ácida e provocativa. Seu elenco é composto por intérpretes-criadores trangêneros, travestis e não-binários. De uma forma cômica, o espetáculo mostra corpos potentes que se TRANSformam em cena. Buscando

¹ FESTIVAL DE CIRCO ONLINE DE SÃO PAULO | Cia. Fundo Mundo

² Programa de fomento e difusão cultural que une estados, prefeituras e segmentos artísticos para desenvolver a cultura e a economia criativa em todas as regiões de São Paulo, com gestão e produção da Amigos da Arte.

³ A sigla LGBTQIA+ representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e as demais orientações性uais, identidades e expressões de gênero.

⁴ Relativo à ou pessoa que se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído em consonância com seu sexo ao nascer, quer tenha ou não se submetido a um tratamento hormonal ou cirúrgico para adequar suas características físicas ao gênero com o qual se identifica.

⁵ Travesti é uma forma popular de chamar as mulheres transexuais, usada por anos para ofendê-las.

⁶ O termo não-binário refere-se às pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero exclusivamente. Isso significa que sua identidade de gênero e expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino.



mostrar como a CISgeneridade⁷ está presente no comportamento imposto pela sociedade cismatrizante, e como isso afeta o nosso modo de sentar, de vestir e de se comportar perante a sociedade. Além disso, traz uma crítica a definição da identidade de gênero a partir da genitália biológica.

2. METODOLOGIA

A obra cênica escolhida é produzida e interpretada por pessoas LGBTQIA+, ‘*Sui Generis*’ tem duração de 58m:33s. Analiso a cena que se inicia em 23m:00s e termina em 39m:40s. A partir desta análise, problematizo a cisgeneridade na arte contemporânea, bem como o lugar que os corpos LGBTQIA+ ocupam neste espaço.

A cena analisada acontece em um cenário que representa uma parada de ônibus, um homem chega olhando ao redor e senta no banco. Em seguida chega outro homem conversando ao celular, explicando para quem estava do outro lado da ligação como fazer uma chuca⁸. Logo que eles se vêem os dois tomam outra atitude ao organizar sua postura corporal, TRANSformando-a em uma postura dita certa para um homem hétero e cismatrizante, sendo rude, grosseiro, desleixado, etc.

Logo após, chega um terceiro homem na cena arrumando as genitais dentro da bermuda, este homem em questão tem um diferencial por aparentar ser um homem rude, tendo um porte grande, rockeiro com piercing no rosto e cara de brabo. O mesmo senta no banco no meio dos outros dois, e a partir disso começa a desencadear uma sequência de repetições de ações. Um deles pega dentro de uma bolsa uma lata de cerveja e bebe em um gole, e o segundo homem faz o mesmo. Já o terceiro homem, o com cara de brabo, pega um mini *cooler* na mochila e tira de dentro dela uma lata de fanta, fazendo um trocadilho com uma ‘piada’ extremamente homofóbica e transfóbica: Essa coca é fanta.

A cena continua com um imitando o outro, quando um dos homens tinha um comportamento dito como “másculo” o outro reproduzia, como um arroto, uma arrumada na genitália, uma mijada no poste na rua. Esse último comportamento em específico resulta em um deles arrumando o que seria sua genitália, porém ao se levantar o *packer*⁹ do mesmo cai no chão, todos se levantam e o olham, o homem instituivamene grita: É isso ai mesmo eu não sou cis!

A partir disso, os outros dois homens na cena também dizem a frase “eu não sou cis, eu não sou cis!”. A cena termina com o ônibus chegando na parada e todos embarcando. Identifico na cena a obrigação imposta pela sociedade

⁷Relativo a ou que tem uma identidade de gênero idêntica ao sexo que foi atribuído à nascença, por oposição a transgênero (ex.: pessoas cisgênero). Grafia no Brasil: cisgênero.

⁸ Enema ou chuca. Prática da medicina também chamada de hidrocolonterapia que consistem em introduzir uma mangueira no anus da pessoa, injetar água e depois retirar. O objetivo principal é lavar o intestino.

⁹ Apesar de ser uma palavra oriunda do inglês, nesse contexto é um nome dado a uma prótese peniana realista feita de silicone de alta qualidade que imita a pele humana.



cisnormativa de que um homem tem que se comportar de maneira hostil, falar grosso, sentar com as pernas abertas e coçar a genitália.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nítido no meu dia-a-dia como homem trans artista-pesquisador que o sistema cisnormativo imposto pela sociedade interfere nos nossos corpos em cena e no querer estar em cena, por medo e receio de sofrer homofobia ou transfobia¹⁰. No meu processo acadêmico pesquisei a relação dos homens trans nas artes da cena e encontrei poucos trabalhos científicos sobre o assunto. A escassez de produções acadêmicas é reflexo da expulsão e exclusão de pessoas trans de espaços formais de ensino desde muito cedo (RODRIGUES, 2016, p.10)

Apesar disso, tenho encontrado diversos artistas trans masculinos pela América Latina que buscam, através de seus corpos, respeito e visibilidade. É de fundamental importância que esses artistas se empoderem do seu lugar de fala nas artes da cena. De acordo com Ferreira,

A *performance* se apresenta como uma potente linguagem provocadora de questionamentos e reflexões, uma vez que corpos dissidentes assumem seu local de fala. [...] a população transexual nunca ganhou espaço para falar de si e por si e essas vozes, quando conquistam uma posição de prestígio e, nesse caso o acesso ao circuito de artes, obtém certa “visibilidade” (FERREIRA, 2019, p.23).

Traço essa reflexão acima com a cena analisada, em que os artistas usam seus corpos trans para problematizar e criticar as imposições da sociedade que oprimem corpos que fogem dos padrões cisnormativos. Tendo em vista que o Brasil é o país que mais mata travestis, transexuais e transgêneros no mundo, é compreensível o receio de expor seus corpos. De acordo com o Boletim nº 002/2021 da ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, o Brasil tem 89 pessoas trans mortas no 1º semestre de 2021. Sendo 80 assassinatos, 9 suicídios. Houveram ainda 33 tentativas de assassinatos e 2 violações de direitos humanos.

4. CONCLUSÕES

A partir disso, entendo que conceber uma obra cênica composta por pessoas LGBTQIA+ nos dias atuais é sinônimo de muita luta, de um confrontamento à imposição do ideal de corpo que tem que estar em cena. De um corpo que tem medo de existir em uma sociedade que não nos quer ocupando

¹⁰ Tanto homotransfobia quanto LGBTfobia designam, de forma generalizada, o conjunto de crimes de ódio cometidos contra as minorias sexuais em virtude de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero.

espaços ditos comuns. A fala “Eu não sou cis!”, tem significado incomparável para quem vive essa opressão diariamente, nos empoderando e dando força para continuar a ocupar esse lugar de criação e pesquisa, como corpos LGBTQIA+, nas artes contemporâneas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVIDE, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. BOLETIM TRANS - 002 - 2021 p.01. Disponível em:
<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf> . Acesso em 1 ago.2021

CAVALCANTI, Céu; SANDER, Vanessa. Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneride por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/gN4ZdVsJwfnYkxyc7VQhtjj/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 1 ago. 2021

FERREIRA, Débora Armelin. A arte como arma em território hostil. Enfrentamentos nas produções de Lyz Parayzo [Online], 39 | 2019 . Disponível em: <https://journals.openedition.org/cidades/1399> . Acesso em 4 ago. 2021

RODRIGUEZ, Claudia. Las travestis debemos tener derecho a leer sobre lo que escriban otras travestis. 2016. Disponível em:
<http://www.claudiarodriguez.cl/lastravestis-debemos-derecho-leer-lo-escriban-otras-travestis/>. Acesso em 1 ago. 2021.

SANTOS, Éverton de Jesus; SILVA, Carlos André Lima. QUEM A HOMOTRANSFOBIA MATOU HOJE? UMA LEITURA COMPARADA DOS RELATÓRIOS DE MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ (2011-2019) v.6 n 1 p.1222. Disponível em:
https://periodicos.ifal.edu.br/diversitas_journal/article/view/1725 . Acesso em 3 ago. 2021

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar. UFMG, 2010. Disponível em:
<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1662> . Acesso em 3 ago. 2021